

Docência no Ensino Superior: desafios contemporâneos

Maria Eugênia Castanho*

*Há esperança, como sempre. Mesmo com o avanço das trevas,
a história está a nosso favor. Independente das vontades,
de políticos e poderosos, a história se transforma e desvela o
presente.*

J.L. Lombardi (2016).

Resumo: O texto trata de desafios para a docência no ensino superior no atual contexto sociopolítico e educacional do Brasil e do mundo, apoiando-se em dados recentes e em autores de várias origens. Encaminha alternativas e sugestões requeridas pela docência universitária, finalizando com a informação da existência atual de redes que congregam várias instituições de ensino superior, visando avanço na área.

Resumen: El texto aborda desafíos a la enseñanza en la educación superior en el actual contexto socio-político y educativo de Brasil y del mundo, basándose en datos recientes y autores provenientes de múltiples fuentes. Remite alternativas y sugerencias para la enseñanza universitaria, terminando con la información de la existencia actual de las redes que agrupan a diversas instituciones de educación superior, con el objetivo de avanzar en el área.

Abstract: The text deals with challenges to teaching in higher education in the current socio-political and educational context of Brazil and of the world, drawing on recent data and authors from multiple sources. Forwards alternatives and suggestions required for university teaching, ending with the information of the current existence of networks that bring together various higher education institutions, aiming at advancing in the area.

1. Introdução

Trabalhando há décadas com formação de professores de variados níveis e vivendo os acertos e desacertos que a história dessa formação apresenta, publicando resultados de pesquisas (CASTANHO, 1989, 2002, 2004a, 2004b, 2007a, 2007b, 2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2013, 2016a, 2016b), escrevo hoje sobre desafios novos e importantes para o professor do ensino superior.

Há discursos que procuram mostrar a redução da importância do professor nos tempos atuais dada a quantidade enorme de informações disponíveis em todo tipo de tecnologia. Afirmo que o professor sempre foi e será importante para a formação de crianças, jovens e adultos, desde que se repense quais são os conhecimentos, habilidades e competências que lhes são requeridas.

Num momento em que as novas gerações estão plugadas sem dificuldade nas tecnologias existentes que se multiplicam com enorme frequência e os conhecimentos estão à mão desde a mais tenra idade, o professor do ensino superior recebe estudantes com novas características que, se não forem levadas em conta, conduzirão a uma situação de efeitos contraproducentes.

2. Dificuldades atuais

Certa vez perguntei a uma jovem que se preparava para vestibular, aluna de conceituada escola de nível médio, por que era tão frequente os professores reclamarem do uso de celulares (às escondidas) durante as aulas e o que poderia ser feito para que isso não ocorresse. A resposta: “é só dar aulas em que a gente se interesse!”

No momento atual de nossa civilização é indispensável ter políticas de formação para a docência no ensino superior que levem em conta as exigências para essa formação. É comum ver professores nesse nível de ensino dizerem que não foram habituados com a convivência de tanta tecnologia e que os alunos conhecem mais que eles. Mas nada os exime de ultrapassar tais dificuldades pessoais que são históricas.

Isso tudo é particularmente importante se atentarmos para as previsões do que ainda há por vir já que não se pode “perder o bonde da história”. Ilustremos essa consideração citando dados de uma entrevista dada recentemente quando estive no Brasil (9 de outubro de 2016) o norte-americano Vint Cerf, matemático e cientista da computação, 73 anos de idade, responsável pela criação do “coração” da internet, desenhando em 1973, junto com Bob Kahn, o protocolo TCP/IP, a base da Internet.

Falou do que vem sendo feito com vistas ao planejamento de rede de conexão interplanetária. Olhando para o futuro, prevê que a bioeletrônica vai permitir a conexão de nosso sistema nervoso a sistemas computacionais, há tecnologias em desenvolvimento permitindo entender como as células funcionam, empolga-se com a extensão da internet para que possa operar no Sistema Solar. Afirma que isso ajudará na exploração espacial, já havendo um protótipo em operação. A rede conecta a Terra, o planeta Marte e a Estação Espacial Internacional. Vint Cerf, na entrevista, diz estar se divertindo muito, cercado de jovens com grandes ideias, desafiando sua forma de pensar! Defende que devemos usar a internet buscando novas formas de criar novas aplicações para ela.

Ressalvado o nível amplo das previsões, há aí uma importante orientação para nosso tema da docência: o professor há de estar constantemente atualizado

e não temer alunos com grandes ideias; pelo contrário, sentir-se desafiado em sua forma de pensar. Tais questões nos levam a pensar que o papel do professor mudou. O que e como fazer para conseguir uma docência no ensino superior consequente com as finalidades e os objetivos de formação?

3. O contexto macroestrutural do país e do mundo: perspectivas que estão postas

Para atacar de frente os problemas da educação e especificamente as questões ligadas à docência no ensino superior é importante pensar no contexto mais amplo. Para o pesquisador norte-americano Ted Piccone (2016), o mundo passa por uma recessão de ideais democráticos e a insatisfação com a política tradicional leva a radicalismo, gerando riscos para a soberania popular.

O populismo, a truculência e a ignorância vêm ganhando espaço no mundo e não só aqui entre nós. É preciso reforçar os fundamentos democráticos. É preciso ter a dignidade discreta da competência. Ideias autoritárias e desatualizadas e tentação populista devem ser banidas dos programas democráticos e progressistas. É preciso se livrar dos resquícios de totalitarismo e populismo, e não reverter a velhos hábitos na hora da crise (BARROS, 2016).

Pergunta-se quais as alternativas que temos, na área da docência, para um trabalho cotidiano coerente que vise atingir os resultados esperados para uma sociedade melhor, mais justa, menos desigual. Soares (2016), analisando profundamente o que ocorre no movimento histórico brasileiro, afirma que a crise econômica e a onipresença da corrupção produziram uma rejeição generalizada ao PT, que contaminou a imagem de todo o campo da esquerda. Conclui que é preciso enfrentar com transparência a problemática da corrupção, analisar as razões da crise que vivemos, elaborar um programa realista, porém ambicioso, “que combine apreço pela dimensão libertária do processo de individuação com a reforma profunda do sistema político e o compromisso de enfrentar com urgência as desigualdades aviltantes, redefinindo o desenvolvimento brasileiro nos marcos da sustentabilidade”. Para isso é necessária a unidade de setores progressistas e democráticos.

4. Os estudantes que chegam ao ensino superior

Pensar na atuação do professor no ensino superior exige pensar nos alunos que ele recebe vindos do ensino médio. E as diferenças de contextos são enormes. A situação da educação em nosso país de modo geral é alarmante. Entre 70 economias ricas e em desenvolvimento, o Brasil ocupa a 63ª posição em ciências; a 59ª em leitura; a 65ª em matemática (www.metrojornal.com.br), 7 de dezembro de 2016). Na série histórica do Pisa (programa internacional de avaliação de

estudantes), em ciências os estudantes brasileiros de 15 e 16 anos que fizeram a prova levaram o país ao 63º lugar, em leitura ao 59º e em matemática ao 65º, nesta área o último colocado na América Latina.

Ao mesmo tempo há escolas no ensino médio que estão tendo aulas sobre como trabalhar na plataforma YouTube visando usá-lo de modo criativo, com visão crítica. Aposta-se atrair os jovens de “um jeito criativo e despojado para a sala de aula”. Escolas de informática se reformularam: antes ensinavam a usar o Word ou navegar na internet, agora incluem, além do YouTube, Robótica e Programação. Considera-se que usar o YouTube hoje na escola é um recurso parecido com os professores que usavam filmes, quadrinhos e desenhos anos atrás.

Respeitando as diferenças culturais entre os estudantes e procurando soluções pedagógicas que enfrentem tais diferenças é preciso realizar um trabalho coerente. Levar o estudante a fazer o que um homem precisa fazer, fazer porque é preciso fazer. Agir de acordo com a ética que sua condição humana e profissional exige. Não se trata de agir por dinheiro, por poder, por vaidade, por interesses próprios e escusos, fazer o correto porque é isso que um ser humano deve fazer (CARVALHO, 2016).

5. Ações Vitais

A docência no ensino superior! Que fazer na sala de aula? Que ações importantes cabem ao professor universitário no atual momento histórico? Como realizar um trabalho pedagógico que leve à formação competente, a um clima de confiança e respeito mútuos, a um crescimento de parte a parte entre educadores e estudantes?

Thomaz Wood Jr. (2016) informa que o Reino Unido vem tendo iniciativas pioneiras de mudanças no ensino superior. Em 2014 implantou o *Research Excellence Framework* para avaliar as atividades de pesquisa das universidades da Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. E que a nova iniciativa em 2016 foi denominada *Teaching Excellence Framework*. O objetivo é melhorar a qualidade do ensino. O ponto crítico do novo sistema será como definir critérios e indicadores para avaliar o ensino.

Sempre foi valorizada a pesquisa sobre os mais variados temas científicos por professores de universidades, principalmente públicas, não se importando com pesquisas sobre o ensino. Agora temos a mudança de Research para Teaching! O autor do texto fala de professores que marcam a vida dos alunos mas mostra que há também outros fatores além desse: orientação geral do curso, organização das disciplinas, definição dos conteúdos, articulação teoria-prática, métodos de ensino e aprendizagem adotados. Ele fala em pressão sobre professores resistentes para atualizar suas práticas pedagógicas.

É interessante notar que, apesar de inúmeros problemas, há formação para trabalhar no ensino fundamental e médio e nenhuma para o ensino superior. Nos mestrados e doutorados (exigências para ensino na universidade segundo a

LDB) não se discute sobre qualidade de ensino. A formação de formadores para o ensino superior é um tema atualíssimo e necessário, ainda que deixado de lado.

O conhecido educador português Antonio Nóvoa (1992) defende que é preciso combater todos os projetos que retiram a formação inicial do professor da universidade. Além disso também aconselha oportunizar aos professores vias de acesso editorial para a publicação de sua produção. Defende ainda o investimento da escola para a organização de ambientes na profissão docente favoráveis à formação-inovação e para a emergência de movimentos pedagógicos concebidos como “lugares de formação”. Considera de importância capital que a escola seja o lugar onde o professor aprende, não apenas onde o professor ensina. É preciso pensar em conferir poder ao professor sobre sua própria formação contínua. Revalorizar, revitalizar os movimentos pedagógicos, destacando a importância das condições materiais das escolas e dos professores. Reforça o papel da universidade para a formação de professores e para práticas de pesquisa e de escrita partilhadas pelos professores.

Concordamos com Cunha (2012, p. 13-4) quando mostra que devemos privilegiar atividades em que o conhecimento deve estar ligado à localização histórica de sua produção e percebido como provisório e relativo. Atividades que estimulem a análise, a capacidade de compor e recompor dados, informações, argumentos, ideias hão de ser incentivadas. Importante é valorizar a curiosidade, o questionamento exigente e a incerteza. O objetivo é uma docência que perceba o conhecimento de forma interdisciplinar, propondo pontes de relações entre eles e atribuindo significados próprios aos conteúdos, em função dos objetivos sociais e acadêmicos. A pesquisa há de ser vista como um instrumento do ensino e a extensão como ponto de partida e de chegada da apreensão da realidade. Os conteúdos são importantes desde que as habilidades sociais e intelectuais sejam a eles articuladas.

A adequação de como trabalhar em relação às exigências sociais históricas é brilhantemente apontada por Manacorda:

O problema do método ou da didática é o fastidioso problema pedagógico deste século e suas soluções não são isentas de pedanteria, também nos maiores autores: mas como não ver que este é o problema real, decorrência inevitável da evolução histórica? Desde que a instrução tende, embora lentamente, a universalizar-se e a laicizar-se, mudando destinatários, especialistas, conteúdos e objetivos, o “como ensinar” (até as coisas mais tradicionais, como a preparação ‘instrumental’ ou ‘formal’ do ler, escrever e fazer contas) assume proporções gigantescas e formas novas; tanto mais se o problema do método se entrelaça com o problema dos novos conteúdos da instrução ‘concreta’, que surgem com o próprio progresso das ciências e com sua relativa aplicação prática (MANACORDA, 1989, p. 280).

6. Universitários trabalhadores

Hoje, diferentemente do passado, a maioria dos estudantes do ensino superior exerce atividade profissional. Um ponto de interesse é a análise das relações entre trabalho e educação, para buscar a compreensão sobre quais são as questões radicais presentes na discussão a respeito do *ensino superior* (BRAVERMAN, 1977). Fazemos a análise das relações entre trabalho e educação à luz da categoria “qualidade de ensino”. Estudando há muitos anos (CASTANHO, 1990) inúmeros depoimentos de alunos na condição de trabalhadores-estudantes, temos feito muitas descobertas. Na relação trabalho-ensino vigora entre os alunos um conceito empobrecido e reinterpretado de trabalho como *mercado de trabalho*. A realidade do mundo produtivo geralmente não é recolhida pela escola para ser estudada criticamente. Além de alunos no período noturno, ocorre a presença cada vez maior de trabalhadores-estudantes em cursos diurnos, apontando para a necessidade de um quefazer pedagógico que leve em conta as relações entre trabalho e educação.

Um trabalho de sala de aula competente, que parta da prática social e leve o aluno a desvendar os mecanismos atuantes na realidade, é requerido. Várias medidas poderiam ser adotadas, como horários previstos no calendário para estudo na biblioteca com a presença do professor e/ou monitores e professores contratados com tempo suficiente para preparar aulas compatíveis com a realidade desses estudantes. Nos depoimentos de alunos que ouvimos aparece uma postura digna de estudantes que não querem aligeiramento e precarização do ensino, mas um ensino adaptado a sua condição. É necessário trabalhar na linha dos desdobramentos contemporâneos da psicologia sócio histórica para *instrumentalizar* os alunos, permitindo uma compreensão articulada da realidade.

7. O conhecimento de técnicas

Técnicas de ensino: é preciso pensar na apropriação, por parte dos estudantes, dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas encontrados na prática social. Há poucas tentativas de se compreender como os diferentes discursos e práticas de sala de aula funcionam na formação das consciências e comportamentos dos estudantes.

É preciso pensar a questão das técnicas de ensino nesse sentido. A técnica é sempre *meio para*, nunca fim. Não é meio para distrair o aluno, pois, uma vez esgotado o efeito surpresa, tudo volta ao marasmo anterior. A técnica deve ajudar a abrir perspectivas para que o estudante possa expor verdadeiras questões, permitindo-lhe progredir e avançar sozinho. O diálogo abre o campo da verdade já que põe em circulação uma pluralidade de pontos de vista.

Atualmente, dado o desenvolvimento de tantos recursos, o trabalho do professor *não diminuiu mas modificou-se*. Penso que o professor é ainda mais importante do que antes porque a orientação para a incorporação de conhecimentos e consequente constituição de processos mentais no estudante exige mais hoje, exige um trabalho de competência docente muito grande.

8. A famosa questão da avaliação

O ponto mais recorrente de crítica à avaliação diz respeito ao seu caráter punitivo. Quanto ao conteúdo da avaliação, de um modo geral pode-se dizer, que apenas os conteúdos cognitivos são avaliados, ficando fora da avaliação os processos mentais desencadeados pelo processo pedagógico. Uma nova avaliação, dissociada do aspecto punitivo e preocupada com o desenvolvimento integral do educando (conhecimentos **mais** processos mentais), seria voltada para a sua emancipação. O ponto principal é que a avaliação só ganha sentido integrada ao processo de ensino-aprendizagem, sendo, pois, considerada como componente curricular. Mas a avaliação, ocorrendo no mesmo espaço-tempo das demais atividades pedagógicas, nem por isso se confundirá com elas. A avaliação é o momento do processo de ensino-aprendizagem reservado para que seus agentes revejam o caminho percorrido, critiquem-no, interrompam-no e o alterem, ponham novas demandas em relação ao futuro e prevejam novos passos na caminhada. Isenta, assim, da carga que lhe pesa sobre os ombros de dar veredictos sobre o destino social dos avaliados, a avaliação poderia, juntamente com as outras atividades pedagógicas, ser instrumento de uma educação voltada para a pluralidade, em suma, para a mudança.

9. A Rede de Apoio à Docência no Ensino Superior

Na área da pedagogia universitária existem atualmente redes de apoio à discussão sobre a questão. Desde 2001 foi criada a Rede Sul Brasileira de Investigadores da Educação Superior (RIES), congregando instituições do Rio Grande do Sul e também diversas IES, tanto brasileiras quanto de alguns outros países da América do Sul.

A RIES busca a cooperação dos pesquisadores universitários na construção da educação superior e da pedagogia universitária como área de conhecimento e de prática profissional. Os desafios: a luta constante resistindo às políticas reguladoras que caminham na contramão de uma educação de qualidade social; a concretização de políticas institucionais que garantam a consolidação desses programas; e a valorização de uma formação pedagógica universitária baseada em princípios éticos e políticos de emancipação humana.

A existência de redes desse tipo ajudou a fortalecer a iniciativa das instituições estaduais paulistas, que criaram em 2016 no Estado de São Paulo a Rede de Apoio à Docência no Ensino Superior – a RADES, da qual faço parte. O projeto **RADES**, com coordenação atual da professora Mara Regina de Sordi, tem um Conselho Gestor congregando representantes do Espaço de Apoio ao Ensino e Aprendizagem da UNICAMP, do Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas da UNESP e representantes de pesquisadores do campo da Pedagogia Universitária. A sede da RADES está alocada na UNICAMP na etapa inicial.

A rede tem por objetivo construir um espaço coletivo de ações de formação pedagógica e articulação da produção do conhecimento sobre o tema. Visa integração com outras redes de apoio pedagógico nacionais e internacionais, com ações voltadas aos professores universitários em instituições de ensino superior, além de construir um acervo de produções acadêmicas sobre o tema.

A perspectiva é de avanço nas políticas de graduação, o que passa necessariamente pela qualificação docente e pelo suporte ao desenvolvimento de projetos pedagógicos de cada unidade, lembrando que o ensino superior é um tema de preocupação internacional.

Mara Regina de Sordi, a atual coordenadora da RADES, considera que o apoio das pró-reitorias vem sendo fundamental, pois se trata de uma política para o ensino de graduação, envolvendo instituições de peso no sentido de alavancar este debate. Pertencer à RADES, como pesquisadora na área, aumenta minha responsabilidade e anima-me a prosseguir na luta pela qualidade do ensino superior no Brasil.

10. Consideração final

Os desafios para a docência no ensino superior são grandes, uma vez que a problemática está ligada a toda a estrutura da educação e do contexto sociopolítico do país. É preciso palmilhar passo a passo, fazendo o que é possível para a melhoria da qualidade do ensino. Como sempre acentuou o professor Evaldo Amaro Vieira, em suas brilhantes aulas no doutorado em educação na Unicamp que tive o privilégio de frequentar: “a história não é feita de SE”. Para que não precisemos dizer: se tivesse sido assim, se tivesse feito É preciso ter coragem e atuar da forma mais coerente possível, fazendo o que Paulo Freire repetia: fazer o que é historicamente possível. Nem mais, nem menos.

Referências:

BARROS, Celso Rocha. E agora, esquerda? **Folha de São Paulo**. 13 de novembro de 2016, p. 4 (Ilustríssima).

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CARVALHO, Bernardo. O que faz um homem. **Folha de São Paulo**. 15 de maio de 2016, p. 2 (Ilustríssima).

CASTANHO, Maria Eugênia. **Universidade à noite**: fim ou começo de jornada. Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____. A didática no ensino da filosofia no 2º grau. **Revista Reflexão**. 43, Instituto de Filosofia, PUCCAMP, Campinas, SP. 1989.

_____. Professores de ensino superior da área de Saúde e sua prática pedagógica. **Revista Interface** – comunicação, saúde, educação. Fundação UNI Botucatu/Unesp, v.6, n.10, Botucatu, SP: Fundação UNI, 2002.

Evidência, Araxá, v. 13, n. 13, p. 13-22, 2017

_____. Função educacional da arte. **Revista Educação & Cidadania**, Campinas, SP: editora Átomo ano 3, n. 1-2, v. 3, 2004.

_____. Professores e inovações. In: Castanho, Sérgio; Castanho, Maria Eugênia L M (orgs). **O que há de novo na educação superior: do projeto pedagógico à prática transformadora**. Campinas, SP: Papirus, 2004.2.ed.

_____. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (orgs) **Pedagogia universitária: a aula em foco**, 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007a.

_____; EVANGELISTA, Abigail Bastos. A universidade e os professores de escolas rurais: suas concepções e sua prática docente. Série Estudos. **Periódico do Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)**, n.23, Campo Grande UCDB, jan/jun 2007b.

_____; AMORIM, Verussi Melo de. Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 2011a.

_____. Ensino de Letras e Artes na educação superior e a questão da inovação pedagógica. In: ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de; FERNANDES, Sonia Regina Souza (orgs). **Políticas de educação e processos pedagógicos contemporâneos no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011b.

_____. Os objetivos da educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord). **Repensando a didática**, 29. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012a.

_____. A dimensão intencional do ensino. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Lições de didática**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. A escola brasileira e o desafio de professores marcantes. Revista **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**. Centro Universitário do Planalto de Araxá, Instituto Superior de Educação. Vol. 12, n.12, 2016a.

_____; CASTANHO, Sérgio E.M. Revisitando os objetivos da educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Didática: o ensino e suas relações**. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2016b.

_____. Da discussão e do debate nasce a rebeldia. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: por que não?** 21.ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araquara: JM, 2012.

Educação do Brasil está parada (entre as piores). **Metrojornal**. 7 de dezembro de 2016, p. 05. www.metrojornal.com.br

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antonio (coord). **Os professores e a sua formação**. Publicações Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, Lisboa, 1992.

PICCONE, Ted. (entrevista) Mundo passa por uma recessão dos ideais democráticos. **Folha de São Paulo**. 25 de junho de 2016, p. A20.

Português, matemática e ...Youtube. **Correio Popular**. Campinas, SP, 8 de janeiro de 2017, p. A12

SOARES, Luiz Eduardo. Em busca de alternativa. O que pode prefigurar uma nova ordem? **Folha de São Paulo**. 27 de novembro de 2016, p. 6 (Ilustríssima).

VINT CERE, pioneiro da internet. **O Estado de São Paulo**. 9 de outubro de 2016, p. B10

WOOD Jr, Thomaz. O foco no ensino. **Revista Carta Capital**. 27 de janeiro de 2016, revista n. 885, p.57.

- Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho é mestre e doutora em educação pela UNICAMP, na área de metodologia do ensino. É titular e fundadora do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas, SP, e membro da Rede de Apoio à Docência no Ensino Superior (RADES).

meu.castanho@gmail.com

CV: <http://lattes.cnpq.br/3883562938853685>